

1578

Aclimatização de pimenteira-do-reino (*Piper nigrum* L.) em diferentes substratosLeila Márcia Souza Amaral¹; Oriel Filgueira de Lemos¹; Elane Cristina Amoras Melo¹; Sérgio Augusto Oliveira Alves¹; Ilmarina Campos de Menezes¹; Lucila Elizabeth Fragoso Monfort¹¹Embrapa Amazônia Oriental. CEP 66095-100, Belém, PA – Brasil. E-mail: leilaufra@yahoo.com.br

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores mundiais de pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.), sendo o estado do Pará o principal produtor nacional. Dentre os fatores que limitam o cultivo está a ocorrência da doença fusariose que dizima plantações e reduz o ciclo econômico produtivo. A revitalização de plantas matrizes das principais cultivares indicadas através da produção de mudas de alta qualidade via cultura de tecidos é uma alternativa para obtenção de estacas livres de doenças. A rizogênese é a formação de raízes adventícias nas partes aéreas obtidas no estágio de multiplicação, permitindo a constituição de plantas completas. O objetivo deste trabalho foi identificar substratos mais adequados para a aclimatização. Brotos de pimenta-do-reino originados da micropropagação *in vitro* foram aclimatados em 4 diferentes substratos: vermiculita; terra preta; vermiculita e terra preta na proporção (1:1); e vermiculita e terra preta na proporção (1:2); em bandejas de 24 células, cada célula com duas plantas, sendo adotado para cada tratamento 8 repetições, em delineamento blocos casualizados. A avaliação foi quanto à sobrevivência e crescimento das plantas, cujos resultados demonstraram uma taxa de 100% de sobrevivência das plantas em todos os tratamentos. Considerou-se os tratamentos mais adequados em ordem decrescente: vermiculita, terra preta e vermiculita (1:1), vermiculita e terra preta (1:2) e terra preta. Concluiu-se que os substratos vermiculita e vermiculita e terra preta (1:1) são os mais adequados para aclimatização de plantas de pimenteira-do-reino.

1579

Indução *in vitro* de brotos e crescimento de bastão-do-imperador (*Etilingera elatior*) no processo de micropropagação
Elane Cristina Amoras Melo¹; Oriel Filgueira de Lemos¹; Marli Costa Poltronieri¹; Leila Márcia Souza do Amaral¹; Sérgio Augusto Oliveira Alves¹; Ilmarina Campos de Menezes¹¹Embrapa Amazônia Oriental. CEP 66095-100, Belém, PA – Brasil. Email: derriseliptica@yahoo.com.br

O Brasil tem despontado na produção mundial de flores e plantas ornamentais. Estudos deste setor no Pará revelam que o estado tem direcionado mais atenção para esse cultivo. As espécies de flores tropicais mais produzidas e comercializadas são as helicônias e bastão-do-imperador. O objetivo do trabalho foi avaliar o efeito das diferentes concentrações de Ácido indol acético (AIA) e de 6-benzilaminopurina (BAP) para a multiplicação *in vitro* do bastão-do-imperador (*Etilingera elatior*). O experimento foi conduzido no laboratório de Biotecnologia da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, Pará. Foram inoculados três explantes de bastão-do-imperador por frasco de 300 mL, contendo 50 mL de meio básico de cultura MS (Murashige & Skoog, 1962), suplementado com as seguintes concentrações de AIA (0; 0,1; 0,2; 0,5 e 1,0 mg. L⁻¹) e de BAP (3,0 e 4,0 mg.L⁻¹). As concentrações de BAP foram previamente selecionadas a partir de ensaios exploratórios para indução de brotações laterais. Cada tratamento foi composto de 15 repetições, em um delineamento inteiramente casualizado e avaliou-se o comprimento das plantas e quantidade de brotações laterais após trinta dias de cultivo. Os dados foram submetidos à análise de variância em fatorial (5x2), utilizando-se o programa Bio Estat 3.0. Os resultados demonstraram que o comprimento e número de brotações laterais independem da interação entre concentrações da auxina (AIA) e citocinina (BAP). Desta maneira, para a multiplicação de brotos de bastão do imperador sugere-se as menores concentrações de AIA (0 mg. L⁻¹) e BAP (3,0 mg. L⁻¹).

1580

Germinação *in vitro* de Sementes de Cajú (*Anacardium humile*)
Eduardo Bucsan Emrich¹; Renato Paiva¹; Rairys C. Nogueira¹; Leticia C. Abbade¹¹Universidade Federal de Lavras, CP 218, CEP 37200-000, Lavras, MG, Brasil; *Bolsista CNPq; ** Bolsista CNPQ/PIBIC. E-mail: bucsan_emrich@yahoo.com.br

O cajú é natural do cerrado brasileiro. A planta apresenta um pseudofruto e castanha com as mesmas características do cajú comercial (*Anacardium giganteum*), apenas diferindo em suas dimensões reduzidas e seu sabor ácido. A semente do cajú, em campo, tem uma germinação relativamente rápida, porém de baixas porcentagens e uniformidade, tendo no cultivo *in vitro*, uma alternativa para sua propagação. Neste experimento objetivou-se avaliar o efeito do GA3 sobre a germinação *in vitro* dessa espécie. Os tratamentos testados foram meio WPM, com 1% de sacarose e 0,6% de ágar, na presença (6 mL L⁻¹) e ausência de GA3; meio WPM com 1% de sacarose, usando areia lavada e autoclavada como suporte e apenas areia autoclavada e areia como meio. Nos quatro tratamentos o pH da solução foi ajustado para 5,8. As sementes permaneceram em água corrente por 4h, desinfestadas com álcool 70% e NaOCl 2% por 5 minutos e Benomyl na concentração de 1g L⁻¹ sendo inoculadas nos tubos de ensaio contendo os respectivos tratamentos. O experimento foi mantido em sala de crescimento a 25° C e fotoperíodo de 16 horas, durante 38 dias. Após esse período avaliou-se as porcentagens totais de germinação em cada tratamento. Os tratamentos que possuíam areia como suporte se equivaleram e apresentaram maior taxa de germinação (53%), porém produziram plântulas anormais. O Tratamento contendo de meio WPM e sem GA3 apresentou 40% de germinação e produziu plântulas normais. O Tratamento contendo GA3, não mostrou-se efetivo para a germinação das sementes. Os resultados demonstram que a maior germinação *in vitro* do cajú é favorecida pela utilização da areia como suporte, provavelmente em virtude da maior aeração do meio.

1581

Utilização do AIB no enraizamento *in vitro* de brotações de mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes)Eduardo Bucsan Emrich¹; Renato Paiva¹; Cristiano Martinotto²; Leticia C. Abbade²¹Universidade Federal de Lavras, CP 218, CEP 37200-000, Lavras, MG, Brasil; *Bolsista CNPq, ** Bolsista CNPQ/PIBIC. E-mail: bucsan_emrich@yahoo.com.br

As doenças que acometem a mangabeira em seu ambiente natural dificultam a germinação das sementes e a obtenção de mudas sadias que se estabeleçam nos viveiros, tornando-se um entrave para a sua expansão e plantio comercial. Grandes avanços têm sido obtidos na micropropagação dessa frutífera havendo, entretanto, necessidade de estudos quanto ao enraizamento das brotações obtidas, para que as mesmas possam ser aclimatizadas à condição *ex vitro*. O objetivo deste trabalho foi estabelecer uma metodologia para o enraizamento *in vitro* de brotações de mangabeira a partir da utilização de AIB no meio de cultivo. Brotações obtidas *in vitro* foram inoculadas em meio de cultura WPM, contendo diferentes concentrações de AIB (0; 1; 2; 3 e 4mg L⁻¹), 3% de sacarose e 0,1% de carvão ativado. O meio foi solidificado com 0,7% de ágar e seu pH ajustado para 5,8 antes da autoclavagem. Os explantes foram mantidos em sala de crescimento a 27 ± 2°C de temperatura e na ausência de luz, por 15 dias. Decorrido esse período, foram transferidos para meio de cultura WPM sem reguladores de crescimento, onde permaneceram por 30 dias. Foi observado apenas primórdios radiculares em algumas brotações inoculadas em meio suplementado com 3,0 mg L⁻¹ de AIB. Nessa condição, ocorreu somente um processo de iniciação e indução das raízes nos explantes. É possível que as brotações utilizadas apresentem concentrações endógenas de citocininas ou residuais dos experimentos de multiplicação que podem ter desfavorecido o balanço hormonal para a formação de raízes. Novos estudos devem ser conduzidos visando o enraizamento *in vitro* dessa espécie.

1582

Desinfestação de Explantes Foliares de Cajú (*Anacardium humile*), visando o estabelecimento *in vitro*Eduardo Bucsan Emrich¹; Renato Paiva¹; Álvaro A. N. Silva¹; Patrícia M. Nicioli¹